

A Ideologia vista a partir do Círculo de Estudos de Bakhtin parte do conceito de ideologia de Gramsci como “visão de mundo” (um conceito também marxista), mas vai além.

Marx e Engels definem ideologia como manifestação das idéias da classe dominante, desconsiderando as demais idéias que sejam diferentes das suas. Dessa forma, caracterizam a ideologia “*como a expressão, a organização e a regulação das relações histórico-materiais dos homens*” (Miotello, 2005: 171), ou seja, as ideologias se manifestam de acordo com a história e o contexto nos quais os sujeitos estão inseridos. Assim, toda forma de idéia se torna ideologia, não só a da classe dominante, apesar desta ter uma maior repercussão social. Portanto, notamos que Bakhtin e os teóricos da AD se baseiam, ou melhor, partem da concepção de ideologia criada por Marx e desenvolvem uma visão mais palpável desse conceito, uma visão mais gramsciana, definindo que a ideologia é algo material, presente na realidade, e não apenas idéias. A manifestação dessas ideologias se dá através dos signos ideológicos:

Cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer. Nesse sentido, a realidade do signo é totalmente objetiva e, portanto, passível de um estudo metodologicamente unitário e objetivo. Um signo é um fenômeno do mundo exterior. O próprio signo e seus efeitos (todas as ações, reações e novos signos que ele gera no meio social circundante) aparecem na experiência exterior. (Bakhtin, 2004: 33)

O signo ideológico é a manifestação das ideologias, a materialização das mesmas, assim, o signo lingüístico é um signo ideológico. A leitura, portanto, torna-se uma das formas de manifestação dos discursos ideologicamente marcados, pois “*a neutralidade dos discursos e das idéias inexistem a partir dessa perspectiva*” (Miotello, 2005: 172) de Bakhtin, que caracteriza a ideologia “*como a expressão, a organização e a regulação das relações histórico-materiais dos homens*” (Miotello, 2005: 171). A produção de um enunciado, de um texto, depende de sua divulgação e de sua aceitação ou não como discurso na sociedade. Dessa forma, a ideologia se manifesta por meio da língua, a partir de signos lingüísticos:

As palavras funcionam como agente e memória social, pois uma mesma palavra figura em contextos diversamente orientados. E, já que, por sua ubigüidade, se banham em todos os ambientes sociais, as palavras são tecidas por uma multidão de fios ideológicos, contraditórios entre si, pois freqüentaram e se constituíram em todos os campos das relações e dos conflitos sociais. Dentro das palavras, em uma sociedade de classes, se dá discursivamente a luta de classes. (Miotello, 2005: 172)

Visto tudo isto, fica mais claro perceber que as diferentes ideologias se manifestam por meio dos e nos diferentes discursos, ou seja, diferentes leituras, diferentes ideologias com as quais estamos em contato a todo momento.

O estudo das diferentes leituras parte da idéia demonstrada anteriormente de que toda a ideologia é manifestada, materializada pelos signos ideológicos que na língua são os signos lingüísticos. Assim sendo, a leitura de um determinado texto, enunciado, deve ser feita a partir do conhecimento de que alguém o produziu em um determinado contexto, para uma determinada clientela e com determinados objetivos.

A leitura se torna um reconhecimento do(s) discurso(s) presentes nos textos e enunciados lidos, reconhecimento realizado a partir da identificação dos signos lingüísticos como sendo signos ideológicos. Assim sendo, o professor deve ter a consciência de que não existe a leitura neutra e fora desta perspectiva, pois todo ato de ler parte de uma interpretação dos signos em um determinado

contexto ideologicamente marcado, no qual o leitor forma “sua identidade de leitura configurada pelo seu lugar social” (Orlandi, 1988: 62).

A leitura é realizada a partir de um determinado ponto que define seu foco, ou seja, quem lê o faz de um lugar marcado e todo o seu ato de leitura se dá de forma a suprir as necessidades e expectativas criadas, vislumbradas, no lugar ocupado por seus leitores, e “é em relação a esse ‘seu’ lugar que se define a ‘sua’ leitura” (Orlandi, 1988: 62).

Por haver objeções a respeito da afirmação anterior, é importante ressaltar que a construção dos sentidos, a materialização das ideologias, acontece de forma dialógica, ou seja, o leitor mantém um diálogo com o texto e assim se constrói o sentido, ou melhor, realiza-se o processo de leitura.

A leitura pode ser entendida como um processo de interpretação, na medida em que uma mensagem elaborada por um determinado sujeito em uma dada língua deverá ser entendida por um outro sujeito, o qual, por meio do entrelaçamento de seu universo de consciência discursiva com o do texto lido, construirá um novo texto. Ao externá-lo para um novo sujeito o processo anterior irá repetir-se, criando um encadeamento contínuo, que é o motor da comunicação humana (...) Dessa maneira, todo texto se assenta sobre uma determinada formação discursiva, porque aquele que o produziu é um sujeito sócio-histórico, isto é, reprodutor de uma das formações discursivas de determinada formação social (Cortina, 2000: 23-24)

Márcia Abreu, organizadora do livro “Leitura, História e História da Leitura”, demonstra, no prefácio intitulado “Percursos da Leitura”, diferentes momentos do ato de ler no mundo, ou seja, momentos em que se valorizou este ato, e outros em que ele foi totalmente execrado pela ideologia dominante. Ao fazer isso, a autora quer deixar claro que as leituras realizadas naqueles momentos foram aquelas pelo fato de serem realizadas naqueles determinados contextos histórico-sociais. Assim, assume (a autora) a postura de analista dos diferentes discursos da leitura nos mais variados contextos e épocas:

...nem sempre a leitura foi vista de forma tão positiva. Ao contrário do que hoje fazemos, sucederam-se, ao longo da história diversos movimentos para afastar as pessoas da leitura, vista como grande perigo. A idéia de que os livros eram portadores de um “veneno lento que corre nas veias” esteve subjacente a variados movimentos de interdição de leitura. Os desejos de proscrivê-la ancoraram-se nas justificativas mais variadas. (Abreu, 2002: 10)

Outra obra importante que demonstra as diferentes leituras de um mesmo texto é “O Príncipe de Maquiavel e seus leitores. Uma investigação sobre o processo de leitura” do professor da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Arnaldo Cortina, 2000. Nesse trabalho, o autor faz uma análise das leituras da obra clássica de Maquiavel realizadas por diferentes personagens da história mundial em diferentes momentos históricos. Assim, Cortina consegue compreender que a leitura é algo dependente das relações extralingüísticas, ou seja, precisa muito das ideologias dominantes e se realiza a partir de posicionamentos variados de seus leitores. No capítulo 4 da obra citada, o autor demonstra as diferentes leituras de “O Príncipe”, sendo uma delas demonstrada a seguir:

*A leitura da Igreja Católica, durante o Concílio de Trento (...)
A inclusão de Maquiavel no Index foi sua mais drástica leitura negativa. A partir desse período os termos maquiavelismo e maquiavélico passam a ser utilizados em diversas línguas, sempre associados à idéia do mal (...) Embora a própria Igreja reconhecesse e até utilizasse as mesmas estratégias propostas por Maquiavel em sua obra, não era possível permitir que um texto explicitasse de maneira tão direta o jogo político pelo poder. (Cortina, 2000: 168-170)*

Partindo desses exemplos que justificam e dão credibilidade à utilização dos estudos da AD nas análises dos processos de leitura, realizamos algumas análises de textos da mídia, publicados

em grandes veículos de comunicação de massa do país. Essas análises podem representar uma forma diferente de professores e alunos lerem os veículos midiáticos.

Faremos a análise a partir da leitura das capas de três grandes revistas semanais de circulação nacional do Brasil, sendo elas: Revista *Veja* (Editora Abril); Revista *Isto É* (Editora Três); Revista *Época* (Editora Globo) que apresentam em suas reportagens de capa assuntos relacionados à crise política vivida pelo país no ano de 2005.

Fazendo uma leitura crítica das capas destes veículos mencionados, pode-se compreender melhor os discursos que permeiam a produção dessas revistas.

A metodologia utilizada para a análise das capas de alguns veículos de comunicação de massa é a da Figurativização e da Tematização, estudos em AD em relação às diferentes manifestações do discurso que apresentaremos a seguir.

Muitos discursos, sejam eles verbais ou não-verbais, contêm figuras e temas, sendo alguns predominante figurativos e outros, mais temáticos. As figuras são termos concretos que servem para ilustrar os temas, termos abstratos. Sendo assim, para falar da educação (tema) podemos usar a figura concreta do livro (figura), ou seja, um termo concreto figurativiza um termo abstrato. Portanto, uma fotografia ou um quadro expressam concretamente um tema, ou seja, toda figura tem um tema subjacente. Com os textos verbais impressos acontece o mesmo, sendo temáticos, aqueles mais abstratos, pois discutem temas (tratados e pesquisas sobre os sentimentos), e figurativos, aqueles em que há um predomínio das figuras (fábulas, contos, etc).

Ao analisar uma capa de revista, por exemplo, devemos levar em conta todos os aspectos verbais e não-verbais que fazem parte do texto, como cores, tamanho e disposição de fotos e desenhos, símbolos, tamanho e forma das letras do texto escrito. Exemplificando: a cor vermelha que, depois do surgimento do socialismo/comunismo, tornou-se uma das marcas da chamada “esquerda”, dos partidos de oposição; portanto, ao aparecer essa cor em um texto político, devemos levar em conta, na análise, esse tema subjacente. Outras figuras assumem diversos temas, sentidos, dependendo da situação e do contexto em que estão inseridas, nunca podendo o discurso ser analisado fora de um contexto. Os textos temáticos e figurativos se diferenciam uns dos outros pela função que exercem.

Os textos figurativos produzem um efeito de realidade e, por isso, representam o mundo, criam uma imagem do mundo, com seus seres, seus acontecimentos etc.; os temáticos explicam as coisas do mundo, ordenam-nas, classificam-nas, interpretam-nas, estabelecem relações e dependências entre elas, fazem comentários sobre suas propriedades. (...) Os primeiros têm uma função representativa; os segundos, uma função interpretativa (Savioli e Fiorin, 1999: 89).

Muitas pesquisas vêm sendo desenvolvidas pelos estudiosos da AD em todo o mundo e contribuindo para uma compreensão mais ampla dos fatos, levando a uma autonomia e a uma emancipação do público leitor:

O homem faz história mas a história não lhe é transparente. Por isso, acreditamos que uma metodologia de ensino conseqüente deve explicitar, para o processo de leitura, os mecanismos pelos quais a ideologia torna evidente o que não é e que, ao contrário, resulta de espessos processos de produção de sentido, historicamente determinados. “A naturalidade” dos sentidos, é, pois, ideologicamente construída. A transparência dos sentidos que brotam de um texto é aparente, e tanto quem ensina quanto quem aprende a ler deve procurar conhecer os mecanismos que aí estão jogando (Orlandi, 1988: 59).

Os estudos de Tematização e Figurativização são utilizados na análise das capas, pois estão presentes nelas figuras e temas que demonstram uma posição ideológica assumida pelos veículos de comunicação de massa que nem sempre é lida e interpretada pelo público-leitor. A utilização de

quadros nos quais há a comparação das figuras com seus respectivos temas facilita a compreensão da análise e dá credibilidade a ela.



Revista *Veja*: edição 1917 – ano 38 – nº 32 de 10 de agosto de 2005.

A capa da revista mostra um fundo preto em contraste com o LULLA escrito em letras garrafas coloridas. Apresenta, também, uma pequena foto do presidente Lula de forma desanimadora e outros dizeres em letras menores que explicitam a versão da revista a respeito do representante do executivo. O mais importante é perceber como o veículo faz uso do imaginário coletivo, o que a AD chama de memória discursiva da população brasileira, ao comparar o atual presidente Lula com Fernando Collor de Melo, ex-presidente do Brasil, deposto de seu cargo por um processo de impeachment, em 1992.

FIGURAS	TEMAS
Fundo preto	Caos / falta de esperança
Foto pequena	Insignificância e pequenez do governo Lula.
Lulla	Comparação com Collor / corrupção

Quadro 1: Figuras e Temas da capa da revista *Veja*, edição 1917, ano 38, nº 32, de 10 de agosto de 2005

Ao observar as figuras e temas apresentados no quadro, pode-se compreender a maneira como a revista induz seus leitores à comparação entre o governo Lula e o governo Collor. O fundo preto escolhido pelo veículo demonstra o caos, a falta de esperança no governante que se dizia o portador da esperança do povo, o representante das classes menos favorecidas, é até uma forma de lembrar o slogan do PT (partido dos trabalhadores ao qual pertence o atual presidente): “A esperança venceu o medo” contrapondo-se a ele, ou seja, afirmando com o fundo preto e a fisionomia de Lula que o que aconteceu na realidade foi o medo vencer a esperança. A pequena foto do presidente colocada como se fosse 3x4, demonstra a pequenez de seu governo, de sua liderança, e a conivência com tudo o que acontecia nos bastidores de seu mandato. Melhor esclarecendo, a imagem transmite a insignificância do governante que tanto prometeu mudar e nada fez, a não ser se tornar um capacho nas mãos dos corruptos.

A ousadia maior da capa da revista está no fato de comparar literalmente o governo Lula com o governo Collor e ela (a revista) faz isso de uma forma extremamente persuasiva, pois apresenta o nome Lula escrito com duas letras “eles” (LL) em verde e amarelo, de forma idêntica à usada pelo então candidato à presidência Fernando Collor de Melo em sua campanha presidencial de 1989, na qual saiu vencedor, derrotando o então candidato Luís Inácio Lula da Silva. Essa comparação é depois reafirmada nos dizeres presentes em letras menores na parte inferior da capa: “*Sem ação diante do escândalo que devorou seu partido e paralisou seu governo, Lula está em uma situação que já lembra a agonia da era Collor*”. Nestas palavras, a revista assume a comparação feita pela figura e coloca o presidente Lula no mesmo patamar do corrupto ex-presidente Fernando Collor, pessoa pública odiada por uma grande parcela da população brasileira. Concluindo essa leitura é

importante perceber que a revista assume uma posição extremamente anti-Lula, já demonstrada em outras épocas, que prejudica a imagem do governo, agravando a crise política, ao mesmo tempo em que se coloca como a portadora da verdade e defensora dos interesses do povo, posição que devemos olhar de forma crítica e não alienada. Assim sendo, a revista nos apresenta um discurso de salvadora da pátria que está sempre alerta para desbançar aqueles que corrompem o país, seja ele Collor ou Lula, esquecendo-se de que o primeiro ela ajudou a se eleger e depois foi colaboradora na sua deposição, enquanto que o segundo ela não apoiou a candidatura e agora se coloca como defensora da população brasileira contra a corrupção exercida pelo atual governo e já prevista pela revista durante as eleições¹.



Revista *Isto É*: edição 1867 de 27 de julho de 2005.

Esta capa da revista *Isto É* apresenta figuras marcantes como as fotos dos envolvidos no “Escândalo do Mensalão”, afirmando a questão da desilusão do povo em relação ao governo Lula e seu partido, o PT.

As figuras e temas encontrados na leitura dessa capa podem nos fazer lembrar, mais uma vez, como na capa da revista *Veja*, o slogan de vitória de Lula e do PT “*A esperança venceu o medo*” em contrapartida com o que realmente aconteceu dois anos e meio depois da eleição. Isto é marcante pelo fato de que o Partido dos Trabalhadores e o próprio presidente se auto declararam capazes de vencer o medo, a corrupção, os roubos que tanto prejudicam e prejudicaram o povo brasileiro. Assim sendo, vejamos quais são os temas e figuras demonstradas no quadro abaixo:

FIGURAS	TEMAS
Letras garrafais	Grande desilusão e falta de perspectiva do povo brasileiro
Televisores com imagens de políticos envolvidos em escândalos de corrupção	A corrupção demonstrada, escancarada investigação da mídia
Jovem cabisbaixo enrolado na bandeira do Brasil: “o medo venceu a esperança”.	Tristeza do povo brasileiro

Quadro 2: Figuras e Temas da capa da revista *Isto É*, edição 1867 de 27 de julho de 2005

A palavra “desilusão” aparece escrita na capa da revista da mesma cor do nome do veículo e um pouco menor, o que representa a importância da palavra para o veículo de comunicação. Como dissemos anteriormente, a desilusão é tema marcante, deixa, segundo a leitura da capa, o povo brasileiro sem perspectivas para o futuro, pois não sabe mais em quem confiar. Os dizeres na parte inferior da capa reafirmam essa posição: “*Avalanche de denúncias de corrupção deixa políticos em pânico, decepciona e estressa os brasileiros. Especialistas ensinam a lidar com esses sentimentos. Dicas para manter o bom humor*”.

¹ Sobre a análise de capas da *Veja* contra a eleição de Lula ver GHILARDI-LUCENA, M. I. e SILVA, F. C. em artigo intitulado “Os sentidos que circulam na mídia: um estudo da capa da *Veja*” publicado na Revista *Perspectiva*, Erechin-RS, em dezembro de 2002.

Os televisores com imagens de políticos envolvidos em escândalos de corrupção como fundo da imagem são marcantes para o leitor, pois representam a propagação dos fatos a toda a população brasileira, como se tudo que houvesse de escondido, camuflado, fosse agora revelado pelos meios de comunicação de massa. Nesses televisores aparecem todos os envolvidos em esquemas de corrupção, tais como o deputado Roberto Jéferson, delator de todo o esquema, José Dirceu, ex-ministro da Casa Civil, José Genoíno, presidente do PT, entre outras personalidades públicas. Mas o que é marcante nesse jogo de imagens em aparelhos de TV é a aparição da imagem do próprio presidente no meio dos acusados, ou seja, sugerindo que ele (o presidente da República do Brasil) também esteja envolvido em denúncias graves de corrupção. Dessa forma, podemos concluir que a revista assume o discurso de que o presidente Lula é um dos responsáveis pela desilusão do povo brasileiro que tanto confiou nele e em seu partido.

A imagem do jovem cabisbaixo enrolado na bandeira do Brasil é mais uma representação marcante da desilusão dos brasileiros com seus políticos, inclusive com os petistas. O jovem simboliza a esperança e ao estar enrolado na bandeira brasileira, figurativiza o tema da esperança de um país melhor, mais justo e solidário, capaz de ter menos desigualdades sociais e mais justiça. Porém, essa imagem do jovem cabisbaixo contrapõe-se à esperança, demonstrando a desilusão e a falta de perspectiva em um país melhor que tanto sonhamos. É importante perceber que a revista assume a posição de representante da população, propagando uma posição de reveladora das aflições do povo brasileiro (o jovem enrolado na bandeira) desiludido com seus heróis da esquerda, em quem tanto confiaram.



Revista *Época*: edição 377 de 08 de agosto de 2005.

A imagem do presidente Lula é mostrada na capa da revista *Época* em tamanho maior que nas outras duas, porém sua fisionomia preocupada e triste demonstra a crise pela qual o seu governo e seu partido passam no momento.

FIGURAS	TEMAS
Semblante do presidente Lula	Preocupação com a crise gerada pela má administração do presidente
O Palácio do Planalto	O poder nas mãos
A rampa do Palácio	Ascensão ao poder

Quadro 3: Figuras e Temas da capa da revista *Época*, edição 377 de 08 de agosto de 2005

A foto do presidente Lula sobrepõe a imagem do palácio do planalto, simbolizando o poder que o presidente tem no país, suas decisões são marcantes e designam o destino da nação. Por estar com a fisionomia preocupada, essa foto figurativiza o tema do não saber governar atribuída ao Lula, responsabilizando-o pela crise moral dos políticos de seu governo.

A imagem de fundo é formada pela foto frontal do Palácio do Planalto, tendo em primeiro plano a rampa pela qual o presidente eleito sobe para receber de seu antecessor a faixa presidencial. Essa imagem do palácio do governo representa o poder que o chefe do executivo tem sobre o país, poder

este só alcançado pelos votos da maioria dos brasileiros e, portanto, deve ser exercido em função da população, para o bem do país e de todos que nele vivem. A rampa está simbolizando a ascensão ao poder alcançada pelo então governo petista e que dá ao mesmo o poder mencionado anteriormente. Porém, a revista, ao apresentar a imagem do presidente preocupado e inseguro, assume o discurso de que ele e seu partido não estavam, na época das eleições presidenciais de 2002, e nem estão preparados para assumir um cargo de tanta responsabilidade que é a presidência de um país como o Brasil. Assim, o discurso do despreparo político já usado pela oposição ao governo Lula na época das eleições de 2002 é agora reafirmado como real, marcado pelo fato de a crise ser resultado da falta de preparo e maturidade política para governar que assolam o Partido dos Trabalhadores e seu representante maior, o próprio presidente Lula.

Fazendo uma relação entre as capas analisadas, podemos perceber a intenção de mostrar que o presidente Lula alcançou o poder tão almejado durante anos e que agora não consegue mantê-lo, ou seja, não sabe governar, não conhece o que é poder:

Deve-se considerar que não há nada mais difícil, nem de resultado mais duvidoso e perigoso do que mudar as leis de um povo, porque esta transformação terá forte resistência dos que se beneficiam das leis antigas e as leis novas não encontrarão, com igual ânimo e por timidez, defensores entre os que vieram a favorecer. (...) a natureza dos povos é instável, daí ser fácil persuadi-los e difícil mantê-los na persuasão. (Maquiavel, 2005: 44)

A realização da leitura crítica, consciente, que contribui para a autonomia dos graduandos, realizada de forma contextualizada, buscando compreender as ideologias e conceitos que permeiam as relações sociais e de poder, é o que se espera dos cursos de formação de professores. Formar cidadãos capazes de “ler” o mundo que está à sua volta e do qual fazem parte é essencial em uma sociedade que tem em suas bases valores democráticos, pois, afinal, ler criticamente contribui para o bom exercício da democracia:

...convém lembrar que o maior estímulo para a leitura crítica advém da própria dinâmica democrática, quando todos os cidadãos são encorajados a participar da vida da sua sociedade e influir nos seus destinos (Melo, 1988: 101).

Desenvolver a capacidade de o graduando “influir nos destinos da sua sociedade” por meio da leitura crítica dos fatos é um papel importante do ensino superior. Os cursos de graduação, especialmente os de licenciatura, têm a responsabilidade de formar professores aptos ao exercício da cidadania e que contribuam para o surgimento de uma sociedade mais consciente e menos alienada.

O exercício do magistério requer, de seus profissionais, atitudes que privilegiem os valores democráticos que regem toda a nação. Para tanto, a formação integral do professor faz-se necessária para que ele possa responder às expectativas quanto à sua atuação transformadora e reflexiva junto à população. Portanto, a formação para a leitura crítica nos cursos de licenciatura torna-se imprescindível e indispensável, tendo que ser assumida pelas IES como um fator de suma importância para o bom desempenho dos futuros professores.

É de responsabilidade da Educação Superior no Brasil o desenvolvimento científico e cultural da população, assim como a busca por novas soluções que atendam e supram suas dificuldades. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no capítulo IV, intitulado “Da Educação Superior”, rege o seguinte:

Art. 43º. A educação superior tem por finalidade:

I – estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;

II – formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua;

III – incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive.

IV – promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação.

V – suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;

VI – estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;

VII – promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição. (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996)

Essas responsabilidades quanto à formação científica e humana precisam ser assumidas pelas Instituições de Ensino Superior (IES) e colocadas em prática para o bom desenvolvimento dos graduandos e fortalecimento do regime democrático no país. A formação para a leitura crítica é um dos fatores importantes no cumprimento da lei e na transformação da precária situação atual em que se encontram muitas IES no Brasil

Quando realizamos leituras mais críticas e mais elaboradas, utilizando-nos dos recursos oferecidos pelos estudos da linguagem, como a própria AD, nos tornamos menos alienados e mais comprometidos com o bem estar de toda a nação. Os exemplos de análises demonstradas servem para compreender que as diferentes ideologias produzem diferentes leituras que levam ao surgimento de diferentes leitores e diversificados cidadãos.

Referências Bibliográficas

- ABREU, M. Percursos da Leitura. In ABREU, M. (org) (2002) *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas, SP: ALB – FAPESP – Mercado das Letras.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV) (2004). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, SP: Hucitec, 11 ed.
- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. (1996) *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, nº 9.394. Brasília, DF.
- CORTINA, A. (2000) *O Príncipe de Maquiavel e seus leitores. Uma investigação sobre o processo de leitura*. São Paulo, SP: Unesp.
- MAQUIAVEL, N. (2005) *O Príncipe*. São Paulo, SP: Centauro, 11 ed.
- MIOTELLO, V. Ideologia. In BRAIT, Beth. (org) (2005) *Bakhtin Conceitos-chave*. São Paulo, SP: Contexto, p. 167 – 176.
- ORLANDI, E. O inteligível, o interpretável e o compreensível. In ZILBERMAN, R. SILVA, E. *Leitura: perspectivas interdisciplinares* (orgs) (1988). São Paulo, SP: Ática, p. 58 – 77.
- SAVIOLI, F. FIORIN, J. (1999) *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo, SP: Ática, 4 ed.